

09 OUT 2003

TOMBO Nº 2153

Neste número, que é o segundo e último do ano de 1996, ^{ex. 2.} tentamos, mais uma vez, documentar nossa experiência de trabalho, isto é, buscamos publicar como documento escrito o vigor de trabalho que temos tido com o fazer (e sempre continuar a fazer) a psicanálise.

O primeiro artigo, na verdade mais um depoimento que uma conferência, é de Contardo Calligaris. Foi transcrito a partir do encontro conosco e fala da psicanálise à luz do neopragmatismo. Considera que uma das funções da psicanálise na cultura ocidental é criar uma linguagem que permita socialmente às pessoas produzirem uma nova forma de descrição. Alerta para o perigo de que uma “redescritção” possa ser sedutoramente tomada como uma verdade em si, tornando a psicanálise presa de sua própria inventividade ao se querer como descrição última e acabada.

O segundo, de Silvia Bleichmar, psicanalista argentina, pós graduada na Universidade - Paris VII - sob a orientação de Jean Laplanche, fala da questão da teoria e da clínica. Diz claramente que a teoria não se constrói na clínica, a teoria está na clínica. Está presente na clínica como contexto metapsicológico da concepção com que pensamos o trabalho. A clínica coloca seus impasses, a teoria deve responder ou, então, rearticular-se com a finalidade de abrir novos horizontes que possam tentar dar conta da questão que a clínica assim nos faz.

Walter Trinca, quebra, de certa forma, a dureza e a densidade teórica dos textos anteriores, sem minimizar em nada a angústia que percorre nosso dia-a-dia, porém, o estilo do autor faz nossas dores mais leves, apontando para o poético como fonte de esperança para o analista.

Suzana Alves Viana e Denise Vieira Lee traduzem um texto: misturam suas reflexões às de Masud Khan, traduzem-no, devoram-no e acabam por recolocá-lo – mais uma vez – no lugar de grande clínico e pensador, produzindo uma introdução a uma tradução que faz lembrar o teimoso trabalho de Laplanche ao fazer Freud e Klein pensar.

Por último, Emir Tomazelli comenta o livro *O Eclipse do Corpo*, de Armando Ferrari. Livro instigante que propõe o corpo como objeto originário, um objeto silencioso e concreto, pura presença, pura obscuridade.

Aí estão os fragmentos que consubstanciam nossa relação com a instituição que abraçamos: a psicanálise, isto é, o nosso trabalho. Desejamos que os textos selecionados sejam saboreados e que eles possam funcionar como convite ao pensamento e ao encontro.